

ETNOGRAFIA EM EXPOSIÇÃO: ÍNDIOS OS PRIMEIROS BRASILEIROS

Thais Nogueira Brayner (Graduanda de Ciências Sociais UFPE);
CNPq/FUNDAJ; thnbrayner@gmail.com

A exposição Índios: os Primeiros Brasileiros foi realizada em Recife no período de 07 Dezembro de 2006 a 11 Fevereiro de 2007 no Museu da Cidade do Recife e posteriormente de 07 de Maio a 20 de Junho de 2007 na Biblioteca Central da UFPE. Com a intenção de fornecer uma outra narrativa da História diferentemente do que está presente nos livros de História do Brasil, em que geralmente os índios não são vistos como sujeitos dos processos sociais nos quais estavam envolvidos, a exposição assim, se insere no sentido de problematizar essa visão, propondo novos olhares.

Objeto e Objetivos: Entender como a partir da narrativa proposta pela exposição, o que no contato com os monitores, os visitantes entendem e se posicionam diante das informações propostas pela exposição.

Metodologia: Na intenção de verificar a interação dos visitantes com a narrativa expositiva utilizamos entrevistas semi-estruturadas e não estruturadas e da observação participante, não só minha como dos demais monitores.

Resultados e Conclusões: A exposição “Índios: os Primeiros Brasileiros” foi dividida em treze cenas, distribuídas em quatro espaços, que são: o do primeiro encontro, o mundo colonial, o mundo indígena, e os indígenas no Brasil contemporâneo. Pude *in loco* saber das visões do público sobre os índios, e a falta de informação que muitas vezes leva ao preconceito e à estigmatização. A visita guiada foi pensada de acordo com disposição cronológica da exposição. Tivemos tanto no Museu da Cidade do Recife (MCR) quanto na Biblioteca Central (BC) um tempo de visita por grupo e/ou individualmente, variando entre 30 minutos a 1 hora e meia. O público do MCR ia no geral, apenas uma vez a exposição, não buscavam se aprofundar nas questões, não tinham muitas questões do que era proposto pela monitoria, houve exceções obviamente. A reação desse público da BC foi mais heterogênea que a do MCR. No espaço do MCR pude perceber que a prática da monitoria era basicamente “monológica” já muito pouco era questionado, muito pouco era trocado, isso ocorreu com grupos específicos apenas. Já na BC a prática foi “dialógica” em sua grande maioria. A imortância até mesmo pedagógica da exposição para se pensar o índio não mais como o índio forjado no romantismo, que muitas vezes pareceu bastante vivo no imaginário dos visitantes, em detrimento da imagem real do indígena como ator político e sujeito operantes de trocas culturais e sociais, também responsável por sua trajetória na História do Brasil.

Referências Bibliográficas: BARTH, Fredrik.(2000) “Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras” In: *O Guru: o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro, Contra Capa.; CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (1976). *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais Ed.; CARNEIRO DA CUNHA, M. (2002). “Introdução a uma História Indígena” in M. Carneiro da Cunha (org.), *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, FAPESP/SMC/ Companhia das Letras.; DANTAS, Beatriz G et. alli., (1992). "Os Povos Indígenas no Nordeste Brasileiro: Um Esboço Histórico". in M. Carneiro da Cunha (org.), *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, FAPESP/SMC/ Companhia das Letras.; PADILHA, Solange (2004) *Imaginário da Nação nas Alegorias e Indianismo Romântico no Brasil do século XIX*. Disponível em: http://www.naya.org.ar/congreso2004/ponencias/solange_padilha.htm.; OLIVEIRA, João Pacheco de. (2004) “Uma etnologia dos ‘índios misturados’? Situação Colonial, territorialização e fluxos culturais”. in OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). *A Viagem da Volta: Etnicidade, Política e Reelaboração cultural no Nordeste Indígena*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, Contra Capa.; RIBEIRO, Darcy. (1986). “Os Índios do Nordeste”. in *Os Índios e a Civilização*. 5ª. Ed. Petrópolis: Vozes.; ROCA, Andrea Claudia Marcela (2006). *Objetos alheios, histórias compartilhadas: os usos do tempo em um museu etnográfico*. Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, Rio de Janeiro. Mimeo

ETNOGRAFIA EM EXPOSIÇÃO: ÍNDIOS OS PRIMEIROS BRASILEIROS¹

Thais Nogueira Brayner ²

Resumo:

A exposição Índios: os primeiros brasileiros, projeto da Petrobrás, apoiada pela Fundação Joaquim Nabuco e com a curadoria do Prof. João Pacheco de Oliveira do Museu Nacional, realizado na cidade do Recife, proporcionou um projeto de iniciação científica no qual minha atuação foi da pesquisa até a monitoria nos espaços expositivos. Devido à experiência acumulada nessas atividades, busca-se entender como a partir da narrativa proposta pela exposição, e com o contato com os monitores os visitantes entendem e se posicionam diante das informações. Na intenção de verificar a interação dos visitantes com a narrativa expositiva utilizamos entrevistas semi-estruturadas e não estruturadas e da observação participante, não só minha como dos demais monitores. O que pudemos verificar foi muito desconhecimento da realidade atual dos indígenas do Nordeste. Além do preconceito sustentado por imagens muitas vezes românticas e estereotipadas.

Palavras – chave: exposição, monitoria, índios, Nordeste, preconceito

Introdução

A exposição Índios: os Primeiros Brasileiros foi realizada em Recife no período de 07 Dezembro de 2006 a 11 Fevereiro de 2007 no Museu da Cidade do Recife e posteriormente de 07 de Maio a 20 de Junho de 2007 na Biblioteca Central da UFPE. Essa iniciativa teve como objetivo tratar a História do Brasil desde os primeiros contatos entre portugueses e indígenas aos dias atuais, discutindo a presença e participação indígenas da região Nordeste após esse longo processo de mudanças.

Com a intenção de fornecer uma outra narrativa da História diferentemente do que está presente nos livros de História do Brasil, em que geralmente os índios não são vistos como sujeitos dos processos sociais nos quais estavam envolvidos, a exposição assim, se insere no sentido de problematizar essa visão, propondo novos olhares.

Os índios da região Nordeste são o foco da exposição, visto que foram os primeiros a terem contato com os brancos, sofreram com a escravização, o esbulho, em

¹ Trabalho apresentado no formato de pôster na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia.

² Estudante do Curso de Ciências Sociais Licenciatura da UFPE. Ex-Bolsista – CNPq/ FUNDAJ; email: thnbrayner@gmail.com;

muitos casos, massacres, entre outros tipos de violência física e simbólica. E ainda hoje sofrem com grande preconceito e estigmatização por parte da sociedade envolvente.

Lidando com o outro na narrativa da exposição

Havia muita incerteza ao longo das viagens e durante o grande período que os viajantes permaneciam no mar. No imaginário desses europeus, estavam presentes monstros, o paraíso terrenal, e o temor do desconhecido. Ao chegarem às terras que posteriormente se chamaria Brasil, os europeus descreveram com fascínio a riqueza, as cores, a fauna, a flora e a população nativa que encontraram. Esses primeiros contatos não implicaram em ódio e nem mesmo assimetria na relação com o outro.

A princípio a Coroa portuguesa não se interessava pelas terras da América e sim pelas Índias. Com as Capitanias Hereditárias, posteriormente com a sistematização e organização de comércio, o trato com a população indígena torna-se desigual. Os missionários proíbem as práticas religiosas e alguns costumes. A prática da “guerra justa”, a escravização sistemática, o esbulho, o estupro, a separação de famílias, ganham força. Os índios são utilizados como mão-de-obra nos aldeamentos e nas grandes plantações de açúcar e nos engenhos.

Esses mesmos índios que posteriormente inspirariam filósofos como Voltaire, Rousseau e Montaigne em seus escritos, quando estes demonstram o quão profundo foi o impacto da “descoberta” de homens em lugares longe do que concebiam como “civilização”. Em suas obras, entre outras coisas, o *outro* é mencionado fazendo com que esses autores pensem, mesmo que de forma etnocêntrica, sobre o que é o selvagem, primitivo, civilizado, a religião, o bem, o mal, os costumes, essas idéias no futuro vão corroborar o discurso do indigenismo romântico no Brasil.

O romantismo não teve a intenção de dar voz aos índios ou representá-los de acordo com a realidade: (...)

“a visão oficial sobre o índio permaneceu conservadora. Na ideologia positivista, ele ocupou uma posição servil, infantilizada, dominada pela catequese ou pela superioridade do sistema racional de pensamento (...)” (Padilha, 2004)³.

³ Texto disponível em internet sem paginação.

As imagens dos indígenas são utilizadas com intuito de se forjar uma identidade tipicamente brasileira, desvinculada do domínio e influência de Portugal, nos períodos imediatamente anteriores e posteriores à Independência do Brasil. Essas imagens serão recorrentes nas artes e na literatura produzidas no Brasil no período.

Contudo, a realidade política da época era muito diferente da imagem que era forjada, Carneiro da Cunha (2002) afirma que desde o século XVIII houve tentativas de assimilação da população indígena. No século XIX foi um período em que houve intensos discursos de deslegitimação dos direitos históricos dos índios. Em 1850, com a Lei das Terras:

“inicia-se por todo o Império um movimento de regularização das propriedades rurais. As antigas vilas, progressivamente, expandem o seu núcleo urbano e famílias vindas das grandes propriedades do litoral ou das fazendas de gado buscam estabelecer-se nas cercanias como produtoras agrícolas. Os governos provinciais vão, sucessivamente, declarando extintos os antigos aldeamentos indígenas e incorporando os seus terrenos a comarcas e municípios em formação.” (Pacheco de Oliveira, 2004, p. 25).

Oficialmente, com as políticas de assimilação, as invasões das terras indígenas, o não respeito aos direitos históricos dos índios vão configurar uma conjuntura não favorável aos indígenas. Depois do sistemático contato e presença não –indígena nas terras indígenas, no século XIX o termo que era utilizado para se referir aos índios era de “misturados”, como um modo de desqualificá-los e criando uma oposição entre índios supostamente “puros” (“idealizados apresentados como antepassados míticos”) com os tidos como “misturados” e assimilados (Dantas, Sampaio e Carvalho, 1992:451). Os indígenas vão sofrer com essas idéias na prática política em relação às terras e aos seus direitos históricos. A própria política indigenista corrobora o fatalismo com que são vistos, como fadados à extinção ou indistintos junto à população regional e totalmente assimilados.

Quando se acredita que essas populações do Nordeste não possuem exuberância, técnicas apuradas em sua produção artesanal, e suficiente distintividade da população local e que suas produções não conseguem formar um *corpus* capaz de catalogação e classificação não levamos em consideração a produção presente desses índios, e olhamos sempre os estudos clássicos de cultura material como o de Berta Ribeiro,

buscando elementos de um passado quase arqueológico, remontando a sociedades tidas como isoladas e como se a significação dada no passado aos objetos não mudassem. E no caso dos índios do Nordeste o que se busca é demonstrar a riqueza de objetos produzidos, de sua História, de suas trajetórias, e a resignificação que os índios fizeram e fazem de todos esses elementos.

A exposição

A exposição “Índios: os Primeiros Brasileiros” foi dividida em treze cenas, distribuídas em quatro espaços, que são: o do primeiro encontro, o mundo colonial, o mundo indígena, e os indígenas no Brasil contemporâneo.

No primeiro encontro se propõe mostrar os grandes contingentes populacionais indígenas assim como mostrar que o contraponto das idéias de primitivo com a de civilizado ainda não existia. Os índios não eram primitivos, eles foram tornados primitivos posteriormente. A dominação que aconteceria depois não foi desta forma natural, pois até então as relações entre índios e europeus eram simétricas, as populações indígenas eram tratadas como *nações*. Nesse ponto é possível verificar a grande força no imaginário medieval europeu da idéia de paraíso terrenal e do bom selvagem.

No mundo colonial o foco é o século XVI. Nesse período a presença indígena nos relatos oficiais é minimizada, e a proposta da exposição é demonstrar a presença e importância indígena nessa fase, já que, devido ao contingente populacional, foi possível ocupar e expandir as fronteiras, a criação das cidades no litoral e a exploração das riquezas. Nesse momento não havia ainda o trabalho da população negra que só foi trazida posteriormente. Como Portugal reforça e sistematiza sua presença na colônia o comércio passa a ser regular e assim as relações entre índios e os colonizadores passam a não ser mais equitativas. Destacou-se ainda, que era ilegal escravizar índios, contudo, a lei era burlada de várias maneiras para utilizá-los como mão-de-obra. Nesse momento duas visões estão presentes simultaneamente, os índios percebidos sempre num passado e estereotipados, donos da terra, e ao mesmo tempo, não havia de fato, conhecimento sobre a vida e riqueza real da população indígena.

No mundo indígena não há pintura e imagens de artistas europeus e sim fotos de indígenas de uma ou duas décadas atrás, ou seja, fotos muito recentes. Os artefatos dispostos fazem parte do artesanato, do cotidiano, das práticas religiosas de modo a

representarem a riqueza não só da produção dos objetos, mas, também, da diversidade existente entre os vários povos indígenas da região, com suas diferenças e similitudes. Também pode-se acrescentar que essa parte da exposição ficou sempre em aberto para que sempre que possível pudesse ser adicionada novas peças à coleção. A cada itinerância novos objetos podem ser somados, dando uma maior dinâmica a essa parte e também como demonstração da própria dinâmica das culturas dos indígenas, assim como sua afirmação no presente. A riqueza cultural e as diferenças identitárias entre os grupos, estiveram presentes no espaço da exposição no que se refere à cultura material cuja presença, vai de encontro às visões negativas que autores como Darcy Ribeiro, tinham sobre os índios da região. O autor pensava que eram:

“(...) magotes de índios desajustados (...) por todos os sertões do Nordeste, ao longo dos caminhos das boiadas, toda a terra já é pacificamente possuída pela sociedade nacional; e os remanescentes tribais que ainda resistem ao avassalamento só têm significado como acontecimentos locais, imponderáveis” (1986, pg. 57).

Podemos entender, nesse sentido, os índios como atores operantes da mudança cultural, resgatando ou mantendo traços, ou mesmo adquirindo ou descartando outros. Sem que isso seja visto somente sob a égide da perda cultural. Conceitos como o de etnicidade são, portanto, profícuos para pensar nas populações dos Nordeste brasileiro já que em situação de contato há o fortalecimento de fronteiras entre os grupos. Para Barth (2000, p. 27), as interações entre os grupos são imprescindíveis, muitas vezes, para se constituir determinados sistemas sociais. Assim: “(...) grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores (...)”, e ainda, “a identificação de uma outra pessoa como membro de um mesmo grupo étnico implica um compartilhamento de critérios de avaliação e de julgamento” (Barth, p.34). Dito de outro modo, os atores na própria constituição de seus grupos o fazem escolhendo ou criando critérios que possibilitem dizer que são o *outro* e o *nós*. Estabelece quais elementos deve privilegiar na constituição de suas fronteiras e que, mesmo havendo um fluxo, certos elementos internos ao grupo devem permanecer.

Quase sem mudanças bruscas entre o mundo colonial e o indígena, há o mundo contemporâneo no qual vemos a luta dos indígenas por seus direitos, grande mobilização política e étnica, e a sua presença nos vários estados do Nordeste. Soma-se

a isso a apresentação de um vídeo com depoimento de três mulheres: Maria Pankararu (doutora em lingüística), Tininha Potiguara (surfista) e Maninha Xucuru-Kariri (já falecida, era uma importante liderança de seu povo).

Nas duas montagens da exposição “Índios: os Primeiros Brasileiros” a atuação como monitora, assim como a participação em viagens às aldeias indígenas para coleta de peças que formaram o acervo de cultura material da exposição, permitiu-me participar de várias etapas da construção da exposição e ainda a mediação entre o público e os conceitos propostos. Pudemos *in loco* saber das visões do público sobre os índios, e a falta de informação que muitas vezes leva ao preconceito e à estigmatização.

Monitoria

A participação como monitora da exposição não era a princípio planejada, contudo, houve a necessidade de reforçar a equipe do Museu da Cidade do Recife (MCR), pois, os outros monitores receberam preparação para atuarem na atuação, mas não responderam de forma esperada ao treinamento. A abordagem da exposição visa problematizar a visão das pessoas, visa mexer com os preconceitos e com os olhares cristalizados sobre os indígenas do nordeste, assim em conversas com outros monitores, bem como os visitantes e os funcionários do Museu se construiu a experiência no MCR. Já na Biblioteca Central (BC) da UFPE foi uma espécie de continuidade da experiência, que se mostrou no decorrer da monitoria totalmente diferente da anterior.

A visita guiada foi pensada de acordo com disposição cronológica da exposição. Em ambos os momentos da exposição tivemos a liberdade de ordenar nossas falas, mesmo tendo um roteiro com as principais idéias e tópicos que deveríamos trabalhar, ficamos livre para estabelecer o que melhor trabalharíamos e discutiríamos em monitoria. Tivemos tanto no MCR quanto na BC um tempo de visitação por grupo e/ou visitante individual, variando entre 30 minutos a 1 hora e meia.

Em termos gerais no MCR o público era formado em grande parte por turistas, sendo de fora do estado ou não. Grupos de amigos e família era outra característica dos visitantes. Em sua maioria percebi nas conversas que mantinha juntamente com a monitoria, que as pessoas vinham buscar informações sobre a cidade do Recife, já que no referido museu se encontra uma exposição permanente sobre a cidade mas que nesse

período encontrava-se desmontada, a própria arquitetura do museu⁴ e também quando a visita era mesmo sobre a exposição buscava-se “ exótico” ou outro, muito distante de suas realidades e costumes.

Nos que se refere aos adultos de fora do Pernambuco, percebi que eles ficaram surpresos com a História, com o acervo de cultura material e principalmente com as fotos recentes dos indígenas, já que esperavam sempre uma fisionomia que consideravam como “ típica de índios” com olhos puxados, pele bronzeada, cabelos pretos e lisos, falando línguas diversas e pouco conhecendo o português, vestindo pouco roupa ou nada, vivendo em malocas nas florestas em harmonia com a natureza, utilizando arco e flecha e com o corpo pintado.

A realidade que encontraram foi diversa dessa perspectiva, encontraram índios que posteriormente ao que ocorreu com seus ancestrais nos primeiros contatos e ao longo da colonização, pessoas que lutam constantemente por seus direitos, por respeito, por reconhecimento, por demonstrar que possuem sim culturas diferentes da sociedade que os envolvem, mas que não inferiores de modo algum dela. Os movimentos políticos que estão presentes na exposição deixa claro como esse índios são de fato atores políticos de suas trajetórias. Muitos visitantes, quando questionados a respeito não acreditavam que existiam mais índios no Nordeste.

São índios que vivem em ambiente rural e urbano, que frequentam escolas , mas que ainda lutam por educação e saúde diferenciada em suas aldeias na maioria dos casos. Não necessariamente se parecem com o que as pessoas pensam que os índios deveriam ser, mas o são, e lutam por esse reconhecimento.

Com relação aos adultos de Pernambuco , podemos dizer que ficaram divididos pois não sabiam se “ acreditavam” se eram índios ou não, como se pudéssemos julgá-los e criar critérios mínimos que respondessem a isso. A questão da terra surgiu com outros visitantes, mas os de Pernambuco era impactante a força dessa questão. Pois, muitos vêm com direito dos indígenas, entretanto, muitos visitantes vêm do interior do estado e de alguma forma sabem sobre assunto, e não estão tão certos assim de tais direitos,

⁴ Forte que data do século XVI primeiramente construído por portugueses, mas que após as invasões holandesas, foi tomado, foi construído de pentagonal, o Forte Frederick Henrich, ficou conhecido como Forte das Cinco Pontas, e assim é chamado até hoje. “No século XIX (por volta de 1847) o Forte continuava ativo, inclusive com uma guarnição aquartelada. O Forte das Cinco Pontas foi submetido a diversas reformas durante sua história, em 1637, 1684, 1822, 1904 e em 1980 – esta última a fortificação adquiriu suas feições atuais, que conserva o traçado regular e quatro bastiões poligonais. O Forte das Cinco Pontas já foi investido de outras funções nos séculos XVIII e XIX, como prisão e quartel, em 1938, foi tombado como patrimônio nacional. Já em 1980, quando foi restaurado, passa a funcionar como museu” (Brayner, 2007, pg 9).

muitos questionavam, dizendo que falsos índios brigavam por terras, que eles tinham má fé quanto a isso. Trazer para as pessoas a legitimidade das demandas indígenas demonstrada no interior de um longo processo histórico de tomada das terras dos indígenas se tornou crucial para esse grupo, para entenderem a situação atual da retomada das terras pelos grupos indígenas do Nordeste.

As crianças no geral foram muito mais receptivas, e demonstraram claramente os preconceitos e esteriótipos que são passados na escola, muitas queriam que houvessem índios correndo por todo museu, e reproduziam todo tipo de esteriótipos. Mas, muitas vezes eram as que estavam mais dispostas a mudarem de olhar quando provocadas.

Houve escolas que levaram seus alunos e foram 4^a, 5^a, 6^a, 7^a, 8^a séries do ensino fundamental e 1^o ano do ensino médio. Os alunos disseram em vários momentos que várias coisas que mencionávamos nunca tinham ouvido falar em suas escolas. Não sabiam que os índios viviam de outro modo e que mesmo com a “mistura”, com a miscigenação os índios não deixaram de ser índios, e muito pouco ou nada se sabia sobre os fenômenos da etnogênese tão comum no nordeste, mas muito mal compreendidos. Na verdade, e muitos casos até a presença indígena atual era ignorada. O público do MCR ia no geral, apenas uma vez a exposição, não buscavam se aprofundar nas questões, não tinham muitas questões do que era proposto pela monitoria, houve exceções obviamente.

Na BC o público em sua maioria era formada por estudantes universitários, do Pré-vestibular Solitário que funcionava no *campus*, funcionários da UFPE, moradores do bairro e alunos do Colégio de Aplicação (CAP).

Vários visitantes foram à exposição mais de uma vez, o que foi uma característica específica desse momento da exposição. Especialmente alunos do pré-vestibular, alunos da UFPE e do CAP que repetiram a visita.

A reação desse público foi mais heterogênea que a do MCR. Ficou claro que em relação aos alunos não – universitários a temática era praticamente toda novidade. Quase não tinham ouvido falar dos índios, da situação deles no presente, e apenas alguns povos da região eram conhecidos. E como ocorreu com o público anterior surpreendentemente achavam que não havia mais índios no Nordeste.

Os alunos do CAP eram bastante questionadores com relação a temática indígena e como estavam com seus professores que estavam trabalhando com essas questões muita coisa era discutida. Muitos alunos da 6^a série não “aceitaram” que,

mesmo com mudanças culturais os indígenas seriam ainda indígenas. Eles diziam que o contato com mundo do branco e com a tecnologia os tornaria cada vez menos índios, ficaram irredutíveis até o final da exposição. Outras turmas por sua vez, foram aos poucos assimilando as informações confrontando pontos de vista e não saíram como a turma da 6ª série. Muitos alunos, e funcionários trouxeram outros alunos, amigos e família para exposição.

Com a relação a cultura material em ambas as itinerâncias da exposição pudemos ver que como muitos acreditavam que não mais haviam índios no Nordeste, e que aqui a presença deles se remetia a vestígios arqueológicos, o acervo de cultura material que continha peças produzidas há pouco tempo, cerca de meses, ou até mesmo semanas ou dias antes da inauguração, situou as pessoas num mesmo tempo histórico que os indígenas.

A exposição ocorreu também durante a realização do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Pudemos perceber que no geral a exposição no período em que ocorreu recebeu mais de setecentos visitantes⁵, no período do congresso a visitação aumentou consideravelmente, contudo, os professores, oriundos principalmente de outros estados do Brasil, não aceitavam a monitoria, quando não rejeitavam, não prestavam a atenção no que era dito, como se todos os conhecimentos que detinham eram suficientes ou não apenas não viam necessidade de se informar mais sobre a temática.

Alguns professores de nível médio e fundamental nos dois momentos da exposição disseram que o material com que se ensina sobre os índios na escola não discute sua realidade, na maioria das vezes se encontraria desatualizados e repleto de preconceitos, como um livro de Geografia da 6ª série, que outra monitora teve acesso em que mostravam índios semi-nus pescando perto de suas malocas numa floresta, que reforçou a irredutibilidade desses alunos perante a monitoria.

Considerações Finais

No espaço do MCR pude perceber que a prática da monitoria era basicamente “monológica” já muito pouco era questionado, muito pouco era trocado, isso ocorreu com grupos específicos apenas. Já na BC a prática foi “dialógica” em sua grande maioria. A experiência dos outros monitores também demonstram isso que muito mais

⁵ De acordo com relatório de monitoria de Roberta Rodrigues da Silva

que um monólogo as trocas e a interação com o tema, com as idéias e questionamentos ganharam outro espaço e sentido nessa itinerância, tornando a experiência mais rica e desafiadora.

A exposição tocou todos os monitores, seja em suas concepções, seja em suas próprias vivências e preconceitos. Abriu novos horizontes de possibilidade de compreensão do *outro* e da História brasileira e nos permitiu por meio do contato com os visitantes perceber que muito do foi construído da imagem do indígena ao longo do processo de formação da identidade brasileira, permanece viva no imaginário dos visitantes. A importância num sentido até mesmo pedagógico de exposições como essa é que a História pode e deve transitar outros espaços, para além dos muros da Universidade. Deve ser vivificada num sentido de provocar questionamento e até mesmo na criação de outros conceitos. Fez com que o conhecimento que vem sendo gerado no mundo científico chega até as pessoas de uma maneira muito rica, com imagens sons, buscando explorar outros sentidos que enriquecessem a construção de novos olhares.

Obviamente não é possível desconstruir visões que estão presentes na mídia, e no (in)consciente coletivo, todavia, a exposição é capaz por meio de sua narrativa, atrelada a monitoria, abalar as estruturas de muitas idéias que vigoram no senso comum. Andréa Roca (2006) coloca que:

“...uma hora é suficiente para sugerir - no mínimo - que muito do que escutaram ou estudaram não é verdade, ou que se encontra desatualizado, ou que, na realidade, é muito mais complexo do que eles achavam, gerando um âmbito de discussão e confrontação a partir do qual podem estabelecer pontos de partida para outras indagações (ficando, se não esclarecidas, pelo menos questionadas algumas idéias)” (pg.141).

As peças do acervo de cultura material e do vídeo em que o depoimento das índias, e da foto do cacique Chicão Xucuru (que fora assassinado) tratavam de suas realidades, traziam as pessoas para longe do mito construído do índio preguiçoso, habitante de longínquas florestas, e traziam para perto da realidade das lutas, das diferentes vivências nas práticas políticas, econômicas e sociais das populações do Nordeste.

Nessa prática dialógica percebemos que pragmaticamente pode se haver monitoria da exposição, ou seja, sem identificação maior com a temática tanto em termos pessoais, como acadêmicos e políticos, mas vimos que o envolvimento dos monitores que ocorreu na BC foi fundamental para melhores resultados de monitoria. Talvez porque os monitores (as) eram alunos dos cursos de História e Ciências Sociais da UFPE, e assim, se poderia pensar numa maior aproximação com a temática, não seria um tema totalmente estranho para os alunos. Propusemos-nos, dessa forma, uma imersão com música, informações textuais e imagéticas para os visitantes, para provocar nas pessoas reações, para que sentissem, isso pode ter influenciado no balanço positivo que acredito que tivemos com a exposição em Recife. Roca coloca que :

“...o conhecimento é apresentado como algo *provisório*, quer dizer, aquilo que se sabe ‘até hoje’. Os vazios ou as distorções manifestadas por qualquer um dos visitantes são retomados e transformados em perguntas, colocando o *desconhecimento* como uma base efetiva e válida de aproximação, em lugar de fazer dele um elemento de exclusão social (como acontece na dinâmica dos museus; ver Bourdieu, 1969; 1979)” (2006, pg. 141).

Perceber os indígenas no seu cotidiano, não somente no dia 19 de Abril, é simplesmente reconhecer os indígenas como sujeitos políticos e não somente passivo aos processos históricos, proporcionando ainda para todos nós visitantes e monitores a ampliação dos horizontes das relações entre índios e não- índios, a possibilidade de construção de uma ciência que apague os sujeitos dos lugares que ocuparam e que ocupam privilegiando visões errôneas e preconceituosas.

Referências Bibliográficas

ARRUTI, José Maurício Andion (2004). “A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no sertão do São Francisco”. in OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). *A Viagem da Volta: Etnicidade, Política e Reelaboração cultural no Nordeste Indígena*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, Contra Capa.

BARBOSA, W. D. (1991). *Os Índios Kambiwá de Pernambuco: arte e identidade étnica*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro. Mimeo

BARBOSA, W. D. (2001). *Um embate de culturas: análise de processos políticos e estratégias sócio-culturais na construção das identidades Kambiwá e Pipipã*. Tese de Doutorado, Museu Nacional, Rio de Janeiro. Mimeo

BARRETO FILHO, Henyo Trindade (2004). “Invenção ou Renascimento? Gênese de uma sociedade indígena contemporânea no Nordeste”. in *A Viagem da Volta: Etnicidade, Política e Reelaboração cultural no Nordeste Indígena*. OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). 2ª, ed. Rio de Janeiro, Contra Capa.

BARTH, Fredrik.(2000) “Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras” In: *O Guru: o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro, Contra Capa.

BRAYNER, Thais Nogueira (2007). *Levantamento de Diferentes Acervos Documentais- Século XX*. Relatório de PIBIC/Fundaj, Recife. Mimeo.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (1976). *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais Ed.

ALBUQUERQUE DE MIRANDA, Luiz Francisco (2006). “A razão ilustrada e diversidade humana” in *Educação e Sociedade*. Campinas, 27 (95): 141-360.

CARNEIRO DA CUNHA, M. (2002). “Introdução a uma História Indígena” in M. Carneiro da Cunha (org.), *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, FAPESP/SMC/ Companhia das Letras.

DANTAS, Beatriz G., SAMPAIO, José Augusto L. e CARVALHO, Maria do Rosário (1992). "Os Povos Indígenas no Nordeste Brasileiro: Um Esboço Histórico". in M. Carneiro da Cunha (org.), *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, FAPESP/SMC/ Companhia das Letras.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (2004). “Etnogênese e ‘regime de índio’ na Serra do Umã”. in OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). *A Viagem da Volta: Etnicidade, Política e Reelaboração cultural no Nordeste Indígena*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, Contra Capa.

PADILHA, Solange (2004) *Imaginário da Nação nas Alegorias e Indianismo Romântico no Brasil do século XIX*. Disponível em:

http://www.naya.org.ar/congreso2004/ponencias/solange_padilha.htm (Acesso em 07 de fevereiro de 2007).

OLIVEIRA, João Pacheco de. (2004) “Uma etnologia dos ‘índios misturados’? Situação Colonial, territorialização e fluxos culturais”. in OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). *A Viagem da Volta: Etnicidade, Política e Reelaboração cultural no Nordeste Indígena*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, Contra Capa.

RIBEIRO, Berta G. (1992) “Coleções Etnográficas: Documentos materiais para a história indígena e a etnologia”. in M. Carneiro da Cunha (org.), *História dos Índios no Brasil*, São Paulo, FAPESP/SMC/ Companhia das Letras.

RIBEIRO, Darcy. (1986). “Os Índios do Nordeste”. in *Os Índios e a Civilização*. 5ª. Ed. Petrópolis: Vozes.

ROCA, Andrea Claudia Marcela (2006). *Objetos alheios, histórias compartilhadas: os usos do tempo em um museu etnográfico*. Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, Rio de Janeiro. Mimeo

SILVA, Roberta Rodrigues (2007). *Relatório de atividades de monitoria Relatório de atividades de monitoria*. Recife, SBS/UFPE/FUNDAJ. Mimeo

ULURI, Acayne (2007). *Relatório de atividades de monitoria. Relatório de atividades de monitoria*. Recife, SBS/UFPE/FUNDAJ. Mimeo